



4391 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT02 - História da Educação

?ESSA COISA FICOU NA GENTE?: NARRATIVAS SOBRE VIVÊNCIAS INFANTOJUVENIS DA PROFESSORA E ATIVISTA SOCIAL NEGRA VALÉRIA NEVES.

Lourdes Rafaella Santos Florencio - Instituto Federal de Educação, ciência e tecnologia do Ceará
Cristine Brandenburg - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
José Albio Moreira de Sales - UECE - Universidade Estadual do Ceará
Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

“ESSA COISA FICOU NA GENTE”: NARRATIVAS SOBRE VIVÊNCIAS INFANTOJUVENIS DA PROFESSORA E ATIVISTA SOCIAL NEGRA VALÉRIA NEVES.

RESUMO

O trabalho teve como objetivo compreender as imbricações raciais presentes na trajetória infantojuvenil da professora negra Valéria Neves. O sujeito da pesquisa é uma educadora aposentada, reconhecida pelo seu ativismo nos movimentos sociais na cidade de Crato – CE. A partir das contribuições da micro-história, se trabalhou com a perspectiva da história de vida, numa abordagem microanalítica dos processos sociais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde foi utilizada a História Oral de vida como metodologia de pesquisa. A partir das suas lembranças de infância e início da juventude, ela reflete também sobre o seu gradual processo de desencanto quanto à suposta harmonia racial, fortemente evidenciada no seu transitar pelos espaços educacionais.

Palavras-chave: História da Educação. Trajetória de Vida. Mulher Negra. Relações Raciais.

“ESSA COISA FICOU NA GENTE”: NARRATIVAS SOBRE VIVÊNCIAS INFANTOJUVENIS DA PROFESSORA E ATIVISTA SOCIAL NEGRA VALÉRIA NEVES.

RESUMO

O trabalho teve como objetivo compreender as imbricações raciais presentes na trajetória infantojuvenil da professora negra Valéria Neves. O sujeito da pesquisa é uma educadora aposentada, reconhecida pelo seu ativismo nos movimentos sociais na cidade de Crato – CE. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde foi utilizada a História Oral de vida como metodologia de pesquisa, por entender que o relato oral é também o registro da memória e das percepções dos sujeitos sobre si e sobre o mundo. A partir das suas lembranças de infância e início da juventude, ela reflete também sobre o seu gradual processo de desencanto quanto à suposta harmonia racial, fortemente evidenciada no seu transitar pelos espaços educacionais.

Palavras-chave: História da Educação. Trajetória de Vida. Mulher Negra. Relações Raciais.

Introdução

A história de uma vida é composta pela junção de inúmeros artefatos. Este ensaio tem como objetivo compreender as imbricações raciais presentes na trajetória infantojuvenil da professora negra Valéria Neves. O sujeito da pesquisa é uma educadora aposentada, reconhecida pelo seu ativismo nos movimentos sociais na cidade de Crato – CE.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, envolta de “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo posta das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operação de variáveis” (MINAYO, 2007, p.21)

Atinente ao objetivo proposto e as escolhas teórico-metodológicas, se faz uso da História Oral de vida por entender que o relato oral é também o registro da memória e das percepções dos sujeitos sobre si e sobre o mundo, a partir de sua singularidade. Ponderando sobre a utilização da história oral, os conteúdos e finalidades da história, Thompson (1992, p. 22) aduz que a utilização da história oral “na produção da história, pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental mediante suas próprias palavras.”

Freitas (2006, p.18) define a História Oral como “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. A História Oral de Vida pode ser entendida como um gênero da História Oral que se caracteriza pela valorização da subjetividade. “[...] É sempre um ‘relato oficial’, uma versão ‘fabricada’, ‘intencional’. Nessa direção, a ‘verdade’ reside na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar, ocultar, negar, esquecer ou deformar casos, situações” (MEIHY e RIBEIRO, 2011, p.84).

Desenvolvimento

É sabido que a população negra, ao longo de sua trajetória de vida, especialmente no percurso formativo, enfrenta uma série de barreiras devido a situações de preconceito e discriminação racial, endossado principalmente pelo suporta “democracia racial” como aponta. A desigualdade atinge majoritariamente a população negra brasileira já que, além de ter sido jogado a própria sorte pós-abolição, a raça passa a ser um elemento determinante da condição social do indivíduo.

A construção historiográfica de que no Brasil se vivia uma democracia Racial, como destaque para a obra Casa Grande & Senzala de Gilberto Freire, acompanhado pela difusão de uma hierarquia racial colaborou para a perpetuação de estereótipos e para a naturalização de práticas discriminatórias compartilhadas pela sociedade em geral, e pela escola em particular.

Embora o acesso ao sistema educacional fosse reivindicado pela população negra desde o século XIX, atravessou praticamente todo o século XX, sendo essa uma importante pauta defendida pelo movimento negro.

É sob esse cenário, e suas múltiplas reverberações, que na cidade de Crato – CE, a professora Valéria das Neves sentirá ainda na infância e juventude o peso de ser negra. Nesse estudo, que não tem a pretensão de responder a todas as inquietudes que a temática desperta, se teve uma aproximação de tramas constitutivas da identidade pessoal e profissional da professora.

“A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.” (BOSI, 1998, p. 55). Deparando-se hoje com uma mulher de quase sessenta anos, professora aposentada e militante do movimento negro, quais fatos vividos são lembrados, e externalizados, por Valéria quando provocada a narrar sua trajetória de vida?

As primeiras memórias da Valéria sobre si e a cidade de Crato são marcadas pelo descontinuí ocasionado pela sua partida para a cidade de São Paulo no estopim da sua maioridade, no início da década de 1970, cuidadosamente ilustrado por ela a parir de um episódio onde sua mãe tenta conseguir, na cidade de Crato, uma vaga de emprego para ela e para a irmã.

Valeria narra:

[...] ela foi pedi quando a gente tava terminado o que hoje é ensino médio, na época era científico. Ela foi pedir ao até então secretário de estado de saúde[...] e era aquela pessoa que naquele tempo dava contratos e ele disse que minha mãe “era muito audaciosa de querer um contrato pra nós e que tinha nas amizades dele roupa pra lavar e cozinha do povo dele”. Nessa burguesia ótima do Crato, pra não dizer podre.

Aquilo chocou minha mãe sobremaneira [há uma pausa] porque a gente precisava trabalhar, mas ela não criou a gente pra ir pra cozinha. Ela preferiu que a gente fosse embora do que ficasse aqui. E nós pegamos o ônibus da Itapemirim e fomos embora (VALÉRIA, 2018).

Na narrativa da professora Valéria sobre as razões que lhe fizeram partir para o suldeste recaem sobre o aspecto racial. Essa fala, ou esse “lugar de fala” só se torna compreensível quando se faz um exercício de (re)memorar sua trajetória de vida imersa no seu grupo social.

Para se ter compreensão das várias teias sociais que historicamente foram atravessando a história de vida dessa professora até se chegar a esse momento de partida pra São Paulo, se voltará para seus primórdios familiares.

Vinda de uma prole de dez filhos, Valéria nasce trazendo consigo sua irmã gêmea, Verônica. Filha de um casal de negros que carregaram junto à volubilidade de ser negro no Brasil, o desejo de não se deixarem ser sucumbir. Em Valéria, esse desejo se solidifica na fala quando, ao apresentar sua família, toma como ponto de partida os seus avôs maternos.

O elo com a ancestralidade é apresentada pela professora especialmente pela figura do seu avô (qual o nome?). Diz que durante toda infância e adolescência ouviu do seu avô materno que “a dignidade só vem através do conhecimento”. Ela conta que ao chegar à cidade do Crato no final do século XIX, vindo do Piauí atraído pelas primeiras romarias do Padre Cícero. “Quando ele chega aqui finca raízes na rua dos cariris, numa casinha que construiu. A primeira coisa dele foi se matricular na escola, ele e os filhos” (Valéria, 2018).

Ela orgulha-se por seu avô ter concluído os estudos junto com seus filhos. Entre os filhos, a sua única filha mulher, dona Gilbertina, mãe da Valéria. Vinda de uma família de pessoas negras e pobres, a curso histórico em partes destoa da história da grande maioria dos negros, como já exposto anteriormente, dado o fato de ainda na primeira metade do século XX, despertarem para a educação escolar como o caminho para a “dignidade”.

Valeria descreve sua mãe com muito orgulho. Uma Visitadora sanitária que tinha o orgulho de servidora pública concursada que buscou de todas as artimanhas para incentivar o estudo dos filhos. O empenho em educar, bem como a sólida formação de dona Gilbertina é ilustrado pela filha, que tomada por sorrisos lembra que a mãe resolveu fazer vestibular junto com as filhas, como uma forma de incentivar. Ela recorda que sempre respondia: “Mamãe! Deixa de besteira que você não passa”. E sua mãe lhe respondia: “sei não, mas eu vou fazer vestibular junto com vocês. E eu vou passar. Como resultado desse desafio, Valéria e sua irmã Verônica não passaram no vestibular, porém sua mãe fora aprovada, ingressou e concluiu o curso de ciências da natureza.

O pai da professora Valéria, foi um homem bastante conhecido na cidade, conhecido como Luiz Cocão. Valeria coloca que seu pai, ao contrário da mãe, era analfabeto. Contudo, ainda muito jovem, trabalhando em hotel, teve contato com um médico de grande prestígio que o levou para trabalhar na casa de saúde.

Ela lamenta que o referido médico não tenha incentivado seu pai a estudar, mas em seguida lista com muita altivez as habilidades profissionais que seu pai desenvolveu: “ele aprendeu o métier da Medicina. Meu pai fazia parto, meu pai fazer cirurgia. Meu pai sabia tudo de medicamento e não sabia ler. Mas se você desse uma receita ou uma bula de remédio ele sabia (VALERIA, 2018)”. A professora recorda do seu pai como uma pessoa extremamente amorosa.

Explanando sobre a sua estrutura familiar, a professora salienta que, mesmo se percebendo como pobre, a ausência de bens materiais é uma memória sua. Ao contrário, durante toda a infância e adolescência teve acesso à saúde, educação, lazer. Retratando as condições materiais, bem como as limitações, Valéria toca no cerne da nossa investigação.

Como forma de demonstrar os cuidados e zelo que seus pais tinham com os filhos ela descreve com muito carinho que sua família lhe pode proporcionar os bens materiais necessários para “ir” e “estar” na escola. Nesse momento a afetuosa descrição é interrompida pelos ecos do racismo que habitam sua memória.

Retomando a exposição da professora Valéria, além de trazer a baía o pesar do racismo, desperta para habito corriqueiro da sua época: o compartilhamento do fardamento escolar.

O fardamento escolar pode ser tomado como um artefato material de distinção social. Na busca de se forjar uma padronização da

indumentária estudantil, especialmente a partir da era Vargas, o uniforme passou a ser indispensável para ingressar no ambiente escolar. Essa exigência encontra um empecilho, o seu alto custo.

O que poderia a primeira vista parecer um elemento de nivelamento já que sua utilização não geraria distinção é na verdade um processo de exclusão social. A expansão de vagas ofertadas pelas escolas públicas não é acompanhada pela proporcionalidade de permanecer na escola. Katiene da Silva (2006), em estudo sobre a prática de uso do uniforme escolar nas escolas públicas de São Paulo entre as décadas de 1950 e 1970, assertivamente pondera sobre a questão econômica. Segundo a autora, “[...] as escolas públicas exigiam o uso dos uniformes escolares e recebiam somente as crianças cujas famílias podiam pagá-los, ou seja, ricas ou de “classe média”, que conseguiam adquirir o traje, ao passo que os pobres ficavam em escolas rurais ou fora da escola. (2006, p.126).

Como posto anteriormente, com raras exceções, a população negra brasileira estava expressivamente compondo essas famílias pobres, logo se intui que foram essas, as crianças negras, que ficaram as margens desse sistema educacional. A vida escolar de Valéria e de seus nove irmãos se dá nesse contexto histórico delineado acima, contudo, na contramão das estatísticas, aqueles corpos negros adentraram a escola.

Ao dizer que todos os irmãos forma para a escola, o fardamento e a estética e bastante enaltecido repetidas vezes pela professora. “[...] *Cocozinhos, Maria Chiquinha, as blusinhas brancas impecáveis, sapatinho, minha. Tudo! Nunca dividimos fardamento, nunca precisamos disso graças a Deus. Tem família que fazia isso, um estudava de manhã e outro à tarde né!*” (Valéria, 2018).

Ao lembrar esse aspecto é perceptível na fala da professora o seu orgulho em ter tido garantido por parte dos pais toda a estrutura necessária. A própria Valéria convida a refletir sobre o racismo e suas várias facetas. Embora tivesse todo o fardamento e sua mãe tivesse toda a preocupação e cuidado com os filhos, ainda assim aqueles corpos negros foram tratados como corpos estranhos.

Foi na escola, ainda criança, que Valéria começara a se ver diferente dos demais, em um processo de reconhecer-se como a negação de tudo aquilo que tava posto. Ela relata um episódio específico e rico de simbologia:

Olhe minha irmã Valesca é mais nova que eu. Porque os mais velhos cuidam dos mais novos né! Então! Quando a gente escutou, eu e Verônica que éramos mais velha [...] a professora dela disse: “a gente sabe se a mãe é limpinha mesmo pelas calcinha”. E essa professora levantou a saia da minha irmã para saber se o meu pai e a minha mãe era limpinho, se cuidava bem da gente. Então! Isso foi como uma marca. Sabe quando você ferra o boi? Essa coisa se tornou uma marca pra todos nós. [grifo nosso]

Como já apontado por autores como Pessanha, (2003); Gomes, (2001) dentre outros, o número de crianças negras presentes nos espaços escolares não era tão significativos, a presença de Valéria, Verônica, Valesca e demais irmãos gerava uma reprovação social. Mesmo tendo as condições materiais para ocupar aquele lugar, o que acarretaria supostamente em uma igualdade, é evidenciado pela fala da professora Valéria um ritual de desprestígio e desconfiança sobre aqueles corpos. O racismo se manifesta ora de forma velada e sutil, ora de forma explícita e agressiva.

Conclusão

“Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro” como coloca Cavalleiro (2006, p. 19), se observa ainda a manifestação de estereótipos. A ação de levantar a saia da criança para ver o estado da calcinha, denuncia a sua inconformidade quanto a sua presença e a sua aparência.

Segundo Valéria, apesar das percepções e desencantos, seus pais sempre buscaram ressignificar as várias situações vivenciadas por ela e pelos irmãos, “era necessário pra gente poder continuar”, desabafa ela. Esses atos racistas, intencionais ou não, deixam marcas e Valéria atribui a esse episódio, o fato dessa irmã ser a única a não ter curso de nível superior. Ela enfatiza: “não é e toa que ela passa mal só de entrar numa faculdade”.

Referencias

FREITAS, S. M. de. **Historia oral: possibilidades e procedimentos**. 2ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

MEIHY, José Carlos e RIBEIRO, Suzana. **Guia Prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias** São Paulo: Contexto, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2007.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SANTOS, Joel R. **A questão do negro na sala de aula**. Coleção na Sala de Aula, 1990.

SILVA, Katiene Nogueira da. **Criança calçada, criança sadia: sobre os uniformes escolares na escola pública paulista entre os anos de 1950 a 1970**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro”- As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.